

Mais tarde, Jackson Knight recebeu uma mensagem de Powys através da mesma médium, e enviou-a a Wilson Knight num cartão postal: "Powys deseja dar-lhe alguma referência que sirva de prova. Frances Horsfield quer que você explique a palavra *sensualismo*". Os leitores de Powys sabem que sensualidade é palavra-chave em toda sua obra — um de seus melhores livros de filosofia se chama *In Defense of Sensuality*. A palavra transmite conotações místicas. Wilson Knight diz: "Em algumas cartas que me escreveu em janeiro ou fevereiro de 1957, Powys ressaltava a importância da masturbação como forma de dominar os impulsos perigosos. E recomendava que eu agisse como "uma espécie de missionário" dessa causa. Quando o vi pela última vez, em 1963, estava fraco e quase não falava. Usava uma linguagem enfática por sinais feitos com as mãos fechadas, o que entendi como referência sexual — talvez fosse uma última tentativa de me fazer optar pela doutrina da masturbação. É provável que a segunda mensagem de Powys através da médium Frances Horsfield tivesse mais do que um objetivo "de provar" algo, e se destinasse a me lembrar da doutrina".*

Com honestidade, deve-se reconhecer que a objeção de muitas pessoas inteligentes ao espiritualismo se deva menos à dúvida acerca da validade de suas provas do que acerca do modo como o espiritualismo parece simplificar o universo. O pior aspecto da vida humana é a forma como os homens permanecem presos à "banalidade do cotidiano", a maneira como aceitam as limitações de suas consciências estreitas. Platão assinala que o filósofo e o poeta passam a vida procurando fugir às limitações do corpo, sabedores de que a consciência é capaz de enxergar mais longe — os "distantes horizontes do fato", de William James —, mas não sabem direito como se esquivar e sair da armadilha em que todos somos apanhados. Os poetas, os filósofos e os santos basicamente se preocupam com a fuga a essa armadilha (que os cristãos denominam pecado original). Talvez a principal objeção dos céticos ao espiritualismo se expresse da seguinte forma: depois da *Divina Comédia*, de Dante, das visões de São João da Cruz e William Blake, da Nona Sinfonia de Beethoven e das pinturas de Van Gogh, passou a existir uma espécie de anticlímax nas "mensagens" transmitidas em reuniões espiritualistas. Mas seria engano exagerar esse aspecto da questão. Afinal, as mensagens dos mortos aos vivos geralmente tratam de assuntos do dia-a-dia. (Não podemos nos esquecer também de que o jovem casal do relato de Bonamy Dobrée dizia que a mensagem tratava da ação "mais importante" de sua vida.) E as "doutrinas dos espíritos", em Swedenborg, Stainton Moses ou num expoente moderno como Maurice Barbanell, trazem a marca da autenticidade de uma mente saudável. Sendo as provas inatacáveis, a aceitação universal da vida após a morte só poderia ter efeito benéfico sobre a civilização.

* Ver o estudo de Wilson Knight a respeito de Powys, *The Saturnian Quest*, 1964; e também seu livro *Neglected Powers*, 1971.

Neste ponto, registraríamos um fato estranho anotado por Wilson Knight num artigo escrito em 1960: "Os médiuns naturais são mais raros hoje do que no passado. Os grandes médiuns do século passado são admirados como clássicos, e talvez outros tipos de fenômenos também venham a escassear".* É lamentável que hoje, quando dispomos de meios mais aperfeiçoados para a testagem de alegações como as de Home e Eusapia Palladino, tais poderes estejam desaparecendo. É um assunto ao qual voltarei nas páginas finais deste livro.

Wilson Knight termina assim seu artigo sobre espiritualismo: "Não se deve crer que o Espiritualismo possa substituir nossas doutrinas estabelecidas, mas que ele representa, de diversas formas, algo básico para todas elas (. . .) Há que se liberar as fontes dos níveis mais profundos, que nada devem às nossas próprias mentes". E isto sugere uma resposta ao menos parcial à questão proposta no capítulo anterior. Num caso como o de Home, os "poderes ocultos" situavam-se na extremidade vermelha do espectro, e não há dúvida de que é por isso que muitos homens inteligentes — como Hawthorne — os consideravam interessantes porém irrelevantes. Os poderes que Gurdjieff procurava desenvolver situam-se na extremidade violeta. Home era como um iceberg: a maior parte de seu ser vivia no reino do inconsciente. Gurdjieff almejava a uma extensão da consciência, numa tentativa de desenvolver uma força mental equivalente à força física de um atleta. Era inevitável que adquirisse também "poderes infravermelhos", pois quando a árvore é alta as raízes também são mais profundas. Será que os médiuns estariam rareando atualmente porque os poderes ultravioletas são mais importantes que os infravermelhos?

Isso remete a outra questão fundamental. A ciência cristã concorda com a tradição ocultista em que os poderes do inconsciente são fonte de saúde. A mais simples, e talvez mais tosca, afirmativa dessa idéia está expressa na obra de D. H. Lawrence. Quando o homem se torna intelectual demais, diz Lawrence, destrói seus poderes mais profundos e rompe o contato com o reino do instinto, que constitui também o reino da vitalidade enriquecida. Tudo o de que *Lady Chatterley* precisa para ser resgatada de sua existência desvitalizada é voltar ao reino profundo e escuro do sexo. Mas a própria obra de Lawrence revela a falácia por trás dessa idéia. Ao fim de seus romances, o leitor sente vontade de indagar: O que os personagens fazem agora? Gurdjieff não teria a menor dificuldade em denunciar a falácia. Ele se preocupa com pessoas cujos centros estão em desarmonia — cujo centro sexual procura funcionar com energia emocional, e assim por diante. Lawrence aconselharia essas "pessoas deslocadas" a voltarem à natureza, às suas origens primitivas. É o que elas fazem, e os centros do sexo e do instinto passam a operar com suas energias próprias. E então? Agora, diria Gurdjieff, pode começar o trabalho sério. Mas é precisamente nesse ponto que Lawrence pára.

* *Gryphon*, março de 1960 (periódico da Universidade de Leeds).